

1. PRIMEIRA CENA

<p>És filha de Camões filha de Inês assassinada voz de portuguesa cantando a nossa imensa pequenez com laranjas e gomos de tristeza.</p> <p>È no claro Mondego dos teus olhos Que se debruça o mal da nossa magoa. Ao Tejo dos teus gestos que se acolhe O nosso coração a pulsar água.</p> <p>Falando desatada de saudade choras um povo cantas a balada mais bonita que soa na cidade de Lisboa por ti apaixonada.</p> <p>José Carlos Ary dos Santos, Retrato de Amália</p>	<p>fundo preto silêncio uma voz recita esta poesia</p>
---	--

VOZ RECITANTE	Gioia Giannetti
---------------	-----------------

2. VOZ OFF - INFÂNCIA

Parte a música: *Cheira a Lisboa*

<p>VOZ OFF</p> <p>Amália nasce num dia de Julho (que ninguém sabe qual é ao certo), há cem anos, no bairro da Pena, em Lisboa.</p>	<p>A música vai diminuindo ficando baixinha enquanto entra a voz off</p> <p>Logo depois de ter pronunciado esta frase, insere-se o excerto da entrevista da Amália, em que diz que ser originária da Mouraria (vídeo do tribunal, por volta do minuto 06:19)</p>
--	--

ATOR/ES	1	Sofia
FUNDO		imagem da Lisboa dos anos 20
MÚSICA		<i>Cheira a Lisboa</i>

3. ENTREVISTA NA SALA DE ESTAR DA AMÁLIA 1
(a filmar com pano verde)

<p>Entrevistador: «Xenhora» dona Amália, diga-nos lá, afinal, onde e quando nasceu. Amália: A minha vida é um acontecimento que nunca esperei. Nasci em Lisboa por acaso, fiquei em Lisboa por acaso e chamo-me Amália por acaso. Nasci na Mouraria: mais lisboeta é impossível! Foi na «época das cerejas», já dizia a minha avó. Escolhi o dia 1 de julho para poder ter uma festinha de aniversário.</p> <p>E: Com que idade começou a cantar? A: Aos quatro anos já cantava! Em casa, o meu avô gostava de me ouvir. Cantava também para os companheiros da escola, e diz que até não era má...</p> <p>E: Como muitos portugueses na época, só completou a instrução primária. A: Andei na escola dos 9 aos 12 anos. Até aos 14 anos, vivi com os meus avós. Depois, fui viver com os meus pais, mais quatro irmãos e três irmãs. Eram muitas bocas para alimentar, tive de pôr mãos à obra. Fui bordadeira, engomadeira, tarefeira e vendadeira.</p> <p>E: Além de cantadeira! A: É a minha vocação. Entrei na vida a cantar. Mas nunca me passou pela cabeça ser uma vedeta, graças a Deus! O teatro também nunca foi uma ambição minha. Toda a gente sabe que sou uma fadista vinda do povo, que sou ignorante.</p> <p>E: Toda a gente sabe que a Amália não é uma pessoa ignorante... A: Ai sim? Então sabem mais do que eu...</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista tem como tema a infância de Amália - As perguntas do entrevistador são inventadas - As respostas da Amália são tiradas de entrevistas verdadeiras - A boneca está em cena: “Amália” mexe nela enquanto fala - a última frase de Amália tem que ter a ver com a questão do sucesso, ligando esta parte da entrevista com a Voz off seguinte
---	--

ATOR/ES	2	Cristiano – Entrevistador Benedetta - Amália
FUNDO	1	Sala de estar de Amália: fotografar a Casa Museu de Amália
OBJETOS DE CENA		2 cadeiras boneca
FIGURINOS		Entrevistador: fato, camisola de gola alta, óculos com grande armação Amália: roupa anos Cinquenta + xaile preto

4. VOZ OFF – SUCESSO

Parte a música: *Meu nome sabe-me a areia*

<p>VOZ OFF</p> <p>Amália foi a primeira cantora a receber um conto de réis por exibição e a primeira portuguesa a obter sucesso no Olympia de Paris, no Casino de Copacabana e no Auditório Nacional de Madrid. Foi no Brasil que gravou o primeiro disco, um 78 rotações. Foi também a primeira artista portuguesa a atuar na televisão nos Estados Unidos, tendo sido convidada para o programa Coke Time, de Eddie Fisher.</p>	<p>A música vai diminuindo ficando baixinha enquanto entra a voz off</p> <p>Logo depois de ter pronunciado esta frase, insere-se o excerto da participação da Amália no Coke Time</p>
---	---

ATOR/ES	1	Sofia
FUNDO		Retiro da Severa; Olympia, Casino, Auditorio
MÚSICA		<i>Meu nome sabe-me a areia</i>

5. ENTREVISTA NA SALA DE ESTAR DA AMÁLIA 2
(a filmar com pano verde)

<p>E: Como surgiu o seu sucesso no estrangeiro? A: Eu não fiz nada para ir lá para fora, as pessoas é que fizeram tudo por mim. Aconteceu-me. Chamaram-me e eu fui. Sou uma espécie de «Maria-vai-com-as-outras»: as pessoas chamam-me, e eu vou.</p> <p>E: A notoriedade não lhe deu cabo da cabeça? A: Por quem me toma? Posso não ter nenhuma qualidade, mas tenho o defeito de ser sincera, de ser sempre eu mesma. Sempre me deram muito carinho, mas não estou estragada com mimo. Sou sempre eu, nunca deixei de ser eu.</p> <p>E: A fama e o dinheiro não foram uma ambição? A: Sabe, eu nunca quis senão cantar. E, cantar, cantei muito. Trabalhar, nada!</p> <p>E: Não acha que cantar é trabalhar? A: Tudo o que se faz antes de cantar é que é trabalho forçado: viajar, ensaiar, vestir, pôr o brinco, o pó-de-arroz... Fico cansada só de pensar nisso! Antes de entrar no palco, é só timidez e nervos. Sou fatalista, como qualquer fadista. Agora, quando já se está no palco, aí já não é trabalhar. Para mim, cantar é uma natureza, é como respirar.</p> <p>E: Como se atreveu a «ir chatear o Camões» e a abandonar o fado autêntico? A: Eu não sei o que é o fado autêntico. As pessoas que cantam é que têm de ser autênticas. Quanto ao Camões, olhe, gostei dos versos, gostei da música, achei que casavam lindamente. Aliás, acho o Camões o maior fadista que existe. Se eu soubesse que era proibido cantar Camões, não me teria atrevido a fazê-lo!</p> <p>E: O que diria a quem a considera a voz de Portugal? A: Foram os portugueses que me escolheram como a artista preferida deles... [<i>Piscadela de olho à câmara</i>] Foi graças a eles, e a muita gente no mundo, que vim a ser quem sou. Vou</p>	<ul style="list-style-type: none">- A entrevista tem como tema a relação de Amália com o sucesso e o dinheiro- As perguntas do entrevistador são inventadas- As respostas da Amália são tiradas de entrevistas verdadeiras: há muitas em que Amália diz não se importar com o dinheiro, ter ficado simples, ser uma mulher do povo- A boneca está em cena: “Amália” mexe nela enquanto fala- a última frase de Amália tem que ter a ver com a questão do público dos admiradores, ligando esta parte da entrevista com a cena dos “maçadores” seguinte
---	---

dizer-lhe uma coisa: os meus admiradores fazem tudo por mim, até sopa de feijão me vêm trazer a casa!	
---	--

ATOR/ES	2	Cristiano – Entrevistador Benedetta - Amália
FUNDO	1	Sala de estar de Amália: fotografar a Casa Museu de Amália
OBJETOS DE CENA		2 cadeiras boneca
FIGURINOS		Entrevistador: fato, camisola de gola alta, óculos com grande armação Amália: roupa anos Cinquenta + xaile preto

6. CENA “MAÇADORES”

Música: Barco Negro

<p>APRESENTADOR: Boa noite, senhoras e senhores! Hoje, aqui, temos a imensa honra de poder ouvir a grande Amália Rodrigues a cantar <i>Cheira a Lisboa!</i></p> <p>CHATO 1: <i>(Põe-se de pé, numa atitude adorante)</i> Ó Amália, a sua voz é tão divina! Mas porque é que fecha os seus lindos olhos quando canta, na televisão também? É pena!</p> <p>AM.: Oh, não é por querer, não posso evitá-lo! O meu pai também fechava os olhos quando estava a tocar... Mas pronto, vamos continuar...</p> <p>CHATO 2: <i>(Põe-se de pé, oferece-lhe uma rosa)</i> Minha senhora, a mim parece-me que a sua voz é nova e única cada vez que a ouço...</p> <p>AM.: <i>(Pega na rosa, está impaciente)</i> Sim senhor, isto explica-se rapidamente: não sou capaz de cantar duas vezes da mesma maneira, tal como a minha mãe não era.</p> <p>CHATO 3 - JORNALISTA: <i>(Põe-se de pé, pergunta com curiosidade insistente, toma notas num caderno)</i> Amália, Amália: é verdade que recusou a corte de um senhor muito rico e apreciado pelas mulheres de todo o mundo?</p> <p>AM.: <i>(Sarcástica)</i> É verdade, sim: com todas as pescadas americanas que tem o senhor, quer agora a sardinha portuguesa?</p> <p>CHATO 4 - INTELECTUAL: <i>(Põe-se de pé, com atitude inquisitorial)</i> A senhora Amália Rodrigues concorda comigo que o fado é a verdadeira expressão da alma nacional, sim?</p> <p>AM.: <i>(Mesmo chateada)</i> Sei lá se é a expressão da alma nacional! Sem dúvida seria a expressão da minha própria alma, se eu pudesse simplesmente cantar!!!</p>	<p><i>(Público sentado)</i></p> <p><i>(Bater de palmas. Entram em cena Amália e os músicos, que se colocam no palco. Fingem começar a tocar e cantar, enquanto a música começa. A cantora fecha os olhos quando está a cantar. Depois dalguns segundos...)</i></p> <p><i>(Amália suspira. O espetáculo recomeça)</i></p> <p><i>(O espetáculo recomeça)</i></p> <p><i>(O espetáculo recomeça)</i></p>
--	--

ATORES	7 +	Amália – Benedetta Chato 1 – Elena Astolfi Chato 2 – Andrea Bianchini Chato 3 – André Egas Chato 4 – Serena Cianciotto 2 Músicos – André Baptista e Giulia Faugiana Mais público
FUNDO	1	Sem pano verde: Cinema Lumiere ou Mocambo Com pano verde: uma tasca
OBJETOS DE CENA		- Microfone com fio (“gelado”) para Amália - Caderno para tomar notas (3º chato-jornalista) - Óculos (4º chato – intelectual) - 2 guitarras - Rosa - cadeiras onde se sentam os músicos - Boneca Amália
FIGURINOS		Músicos: fato, camisa branca e gravata Amália: vestido preto comprido + xaile preto Chatos: Calças normais, casaco, camisa e gravata

7. VOZ OFF – POETAS

Parte a música: *Povo que lavas no rio*

<p>VOZ OFF</p> <p>A Amália cantou versos de muitíssimos poetas de todas as épocas, entre os quais D. Dinis, Bernardim Ribeiro, Luís de Camões, António Feliciano de Castilho, Júlio Dantas, Almada Negreiros, José Régio, David Mourão-Ferreira, Pedro Homem de Mello, Norberto de Araújo, Reinaldo Ferreira, Sebastião da Gama, Alexandre O’Neill, José Carlos Ary dos Santos, Manuel Alegre, Teresa Rita Lopes, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes. Foi criticada por ter cantado versos de Camões.</p>	<p>A música vai diminuindo ficando baixinha enquanto entra a voz off</p> <p>Logo depois de ter pronunciado esta frase, insere-se uma transição com uma imagem de nuvens, de maneira a dar a entender que estamos no paraíso; enquanto acaba <i>Povo que lavas no rio</i> e começa <i>Fado português</i></p>
---	---

ATOR/ES	1	Sofia
FUNDO		“Slide-show” com as imagens dos poetas
MÚSICA		<i>Povo que lavas no rio</i> (Pedro Homem de Melo)

8. CENA TASCA PARAÍSO (no Bistrot San Frediano)

<p>José Régio: Meu Deus! Parece-me conhecer esta canção. Espera, espera... é o meu poema! “Fado Português”.</p> <p>Camões: O quê? O que é isto? Come-se?</p> <p>J.R.: O Fado! És tão velho, Camões... atualizate! O Fado é uma música nem alegre nem triste, mas é a expressão da alma e da saudade portuguesas... é destino!</p> <p>C.: Então canta-se? Porque é que não o disseste antes, ó Régio?</p> <p>Alexandre O’Neil: Como a minha querida Amália sempre diz: “Não sou eu que canto o Fado, é o Fado que me canta a mim”.</p> <p>C.: Quem é essa Amália?</p> <p>A.O.: A <i>Rainha do Fado</i>!</p> <p>C.: E onde é que reina?</p> <p>J.R.: No mundo todo, do Rio até Itália!</p> <p>A.O.: Olha, cantou até um poema teu! Lembras-te, José?</p> <p>J.R.: Claro! “Erros meus, má fortuna, amor ardente”, não é?</p> <p>C.: O meu poema? Quem é que lhe deu a permissão?!</p> <p>J.R.: Bom, não é assim má. Ó O’Neill, põe lá a canção!</p> <p>C.: Que porcaria é essa? Impossível, não pode ser o meu poema! Ela poderá ser a <i>Rainha do Fado</i>, mas eu sou o <i>Príncipe dos poetas</i>!</p> <p>A.O.: Humilde, o velhote!</p> <p>A.O.: Ah! Ouve lá o que ela fez com o meu poema.</p> <p>C.: O que é que uma gaivota tem que ver com a poesia? Não tens imaginação nenhuma...</p> <p>A.O.: Deves pensar que és melhor! Não foste expulso da corte?</p> <p>J.R.: Basta de discutir! Vou-me embora, a minha paciência acabou.</p> <p>C.: Eu também tenho coisas “de príncipes” em que pensar!</p> <p>A.O.: Eu, pelo contrário, vou continuar a ouvir a belíssima canção da Amália!</p>	<p><i>Ouve-se a canção “Fado Português”</i></p> <p><i>Alexandre O’Neil põe a canção da Amália com o telemóvel.</i></p> <p><i>Passa uma gaivota fora da janela.</i></p> <p><i>Alexandre O’Neil põe a canção “Se uma gaivota viesse”.</i></p> <p><i>José Régio sai da cena, impaciente</i></p> <p><i>Camões sai da cena com ar de snobe.</i></p> <p><i>A canção recomeça e Alexandre O’Neil relaxa e fantasia sobre o seu poema.</i></p>
--	--

ATORES	3	José Régio – Simone Alexandre O’Neill – Andrea Bianchini Camões – Matteo Migliorelli
FUNDO		Não é preciso: filma-se no Bistrot San Frediano
OBJETOS DE CENA		- copos e garrafa de Vinho do Dão sobre a mesa - telemóvel
FIGURINOS		José Régio: fato cinzento, camisa branca e gravata Alexandre O’Neill: estilo anos 60 – gola alta e casaco; óculos com grande armação Camões: roupa estilo séc. XVI; venda em cima do olho direito

9. VOZ OFF – BRASIL

Parte a música: *Saudade do Brasil em Portugal*

VOZ OFF O grande sucesso de Amália está ligado ao Brasil, país que sempre a acolheu com grande entusiasmo.	A música vai diminuindo ficando baixinha enquanto entra a voz off
---	---

ATOR/ES	1	Sofia
FUNDO		casino de Copacabana, capa do disco
MÚSICA		<i>Saudade do Brasil em Portugal</i>

10. ENTREVISTA NA SALA DE ESTAR DA AMÁLIA 3
(a filmar com pano verde)

<p>E: O sucesso que teve no Brasil foi de alguma maneira favorecido pelo seu marido? A: [<i>Risos</i>] Eu só me casei com o César em 61 e a primeira vez que fui ao Brasil foi em 44... Quando ainda ninguém me conhecia, fizeram muita troça, achavam que o fado era só «Ai minha mãe, minha mãe» [a cantarolar]. Desde essa altura, tenho ido ao Brasil quase todos os anos.</p> <p>E: Mas, o seu marido... A: O meu marido... Ele é engenheiro, só quer saber de pontes e de aviões. A mim, pontes e aviões não me interessam absolutamente nada. Eu gosto é de perceber a cabeça das pessoas, porque fazem isto ou aquilo. Gosto de poesia.</p> <p>E: A música brasileira diz-lhe alguma coisa? A: A quem é que não diz? É uma das grandes músicas do mundo. Identifico-me muito com ela e tenho uma grande ternura pelo Brasil.</p> <p>E: No Brasil, a bossa nova rompeu com tudo o que se fazia antes. Há algum movimento correspondente em Portugal? A: O fado não gosta de grandes inovações... O fado é o próprio povo português. Aliás, eu ainda fiz algumas inovações, e muito atacada fui, primeiro porque cantava à espanhola, depois porque cantava as composições do Alain Oulman... Mas é difícil inovar no fado. Como o flamenco e a canção árabe, o fado tem as suas regras.</p> <p>E: Acha que a sua música exprime a alma nacional? A: Nunca tive pretensões de exprimir a alma nacional. Eu exprimo aquilo que me vai dentro da alma [<i>apontando para o peito</i>]. A alma nacional é uma carga muito pesada para mim.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevista tem como tema a relação de Amália com o Brasil - As perguntas do entrevistador são inventadas - As respostas da Amália são tiradas de entrevistas verdadeiras: há muitas em que Amália diz passar muito tempo no Brasil e em que fala do Brasil - A boneca está em cena: “Amália” mexe nela enquanto fala - a última frase de Amália tem que ter a ver com a cena seguinte, que poderá ser alguma coisa proposta pelo grupo da Analu
--	--

ATOR/ES	2	Cristiano – Entrevistador Benedetta - Amália
FUNDO	1	Sala de estar de Amália: fotografar a Casa Museu de Amália

OBJETOS DE CENA		2 cadeiras boneca
FIGURINOS		Entrevistador: fato, camisola de gola alta, óculos com grande armação Amália: roupa anos Cinquenta + xaile preto

1

11. BRASIL (Decidir se fica neste sítio)

<p>Personagens: Amália (Benedetta) e empregada (Marilena Martucci)</p> <p>Cena de um avião aterrando.... barulho...</p> <p>Depois, o cenário é uma sala de estar.</p> <p>Amália de costas, procura algumas agulhas em gavetas, e começa a resmungar...</p> <p>Amália - Nesta casa não encontro nada, precisava de agulhas para costurar a minha saia! (<i>chama uma empregada</i>). Joana por favor, traga o meu xaile!</p> <p>Empregada – Onde é que a senhora vai, D. Amália?</p> <p>Amália – Vou à retrosaria aqui deste bairro, gosto de costurar as minhas próprias saias, à minha maneira. Não encontro agulhas, linhas... preciso de as comprar. Em Copacabana não há retrosarias?</p> <p>Empregada – Senhora, posso ir consigo? Temo ser difícil encontrar uma retrosaria nas redondezas, a senhora ainda não conhece a cidade.</p> <p>Amália – Ora pois, venha... Vim para esta cidade para ficar 4 semanas, e acabo por ficar 4 meses... Preciso de saber onde posso encontrar as coisas, preciso mesmo conhecer cada loja desta cidade.</p> <p><i>As duas saem e fecham a porta... Close da câmara na boneca e nas rosas da mesa de centro...</i></p> <p>Passeando pela cidade, ela passa por uma casa, na janela desta casa há flores, muitas flores. Amália rouba algumas flores...</p> <p>Empregada – Senhora!!! O que é que está a fazer? Amália – A roubar flores, não posso? É o meu passatempo... (<i>ri com gosto</i>) Vamos ver o mar!</p> <p><i>Cena do mar do Rio de Janeiro</i></p> <p>Amália – Acho que vou gostar desta terra! Já estou a amá-la! Voltarei cá mais vezes, muitas vezes...</p>	<p>Em 27 junho de 2010 a Televisão Brasileira no programa "Almanaque" da Globo News, homenageia Amalia e dá início às comemorações dos 90 anos de seu nascimento. Amália Rodrigues UNICA.</p> <p>Youtube em tres partes.</p> <p>AMALIA RODRIGUES - 90 anos</p> <p>https://youtu.be/dkIBw-R9Oj8 Parte 1</p> <p>https://youtu.be/dkIBw-R9Oj8 Parte 2</p> <p>https://youtu.be/3IvBqydSR4g Parte 3</p> <p>Retirei as ideias deste documentario e tb de outros videos.</p>
--	--

(aumenta o volume da música...) foco da câmara nas rosas nas suas mãos...	
---	--

12. VOZ OFF – VIDA PRIVADA

Parte a música: *Lágrima*

VOZ OFF Por trás do grande sucesso, a vida privada de Amália sempre foi problemática, marcada por uma relação conturbada com a mãe, com a irmã e com os companheiros. Mulher independente e zelosa da sua liberdade, teve dois maridos.	A música vai diminuindo ficando baixinha enquanto entra a voz off
---	---

ATOR/ES	1	Sofia
FUNDO		Fotografias da mãe, da Celeste, do Francisco da Cruz, do César Seabra
MÚSICA		<i>Lágrima</i>

13. ENTREVISTA DUPLA

ENTREVISTADOR	CÉSAR SEABRA	FRANCISCO DA CRUZ
<p><i>(Com tom de voz calmo e que revela pouca expressividade, introduz o programa e os hóspedes).</i></p> <p>«Senhoras e senhores, boa tarde, temos hoje o imensurável prazer de acolher no nosso programa <i>Domingo em Coscuvilhices</i> duas figuras que partilharam uma parte importante da vida com a diva incontestada do panorama artístico português, símbolo de Portugal e orgulho pelo mundo fora, a Rainha do fado, a nossa querida Amália Rodrigues. Mas não revelamos mais nada, a nossa dupla entrevista é que vai pensar nisto!»</p> <p><i>(As perguntas são apresentadas bastante rapidamente, mas sem pressa, para manter o ritmo da cena no estilo “entrevista dupla”).</i></p> <p>«Nome».</p>	<p><i>(Está de pernas cruzadas, numa pose composta e altiva, mas não pretensiosa).</i></p> <p><i>(Tira o chapéu e faz uma reverência com a cabeça)</i> «Sou o César Seabra, boa tarde e obrigado pelo convite».</p>	<p><i>(Está sentado numa pose menos elegante e muito mais descontraída).</i></p> <p><i>(Cumprimenta só com um sinal da mão)</i> «Olá, boa tarde a todos, Francisco da Cruz».</p>
<p>«Profissão?»</p>	<p><i>(Fica sobranceiro? e elegante na sua pose)</i> «Engenheiro».</p>	<p>«Guitarrista de profissão, torneiro por paixão» <i>(Sorri, satisfeito de si).</i></p>
<p>«Qual é sua relação com Amália?»</p>	<p>«Casámos em 1961, quando ela veio para o Brasil, e a partir daí nunca nos deixámos. Fui o seu segundo marido».</p>	<p><i>(Com o olhar perdido, lembrando um tempo longe)</i> «Éramos tão jovens naquela altura... Fui o seu primeiro marido, não era bem minha intenção casar, mas estávamos numa época diferente...»</p>

«Quais são três adjetivos com que descreveria a sua relação com Amália?»	«Eu diria sossegada, amigável e, felizmente, desapaixonada».	«Muuuuito apaixonada, pelo menos para mim, turbulenta e bastante impossível».
«E como é que descreveria a mesma Amália?»	<i>(Com uma expressão que denota sincera felicidade)</i> «Nossa, ela era tão sensível, independente e sincera p'ra mim... Era uma mulher profundamente inteligente».	<i>(Perplexo e um bocado arrogante ao mesmo tempo)</i> «Uma mulher assim nunca mais encontrei... mas para mim foi difícil suportar a sua necessidade de independência, não o aguentava mesmo... Era um espírito livre, teimosa e sublime». «Eh pá, às vezes perdia a paciência, isto sim, e naquela época tinha a mão agarrada à garrafa, mas pronto, ela também <i>(e imita Amália de alguma forma)</i> “fazia sempre o que lhe apetecia”, como ela costumava dizer continuamente... E eu não conseguia tolerar isto».
<i>(Curioso e indagador)</i> «Senhor da Cruz, os espectadores e nós todos aqui imaginamos, e correu o mesmo boato na altura, que o senhor foi de alguma forma um marido-patrão dentro das quatro paredes... Mas será esta a verdade?»		
«Qual é uma coisa de que se arrepende relativamente à sua relação com Amália?»	«Essa pergunta é que é difícil... não quero parecer arrogante, mas acho que lhe dei todo o meu apoio como amigo, e o nosso namoro navegouem águas mornas que lhe permitiram desfrutar da estabilidade emocional de que precisava na sua vida... a minha consciência está tranquila em relação a isso».	<i>(Acena o seu arrependimento com alguns acenos da cabeça, mas lutando contra seu próprio temperamento ao mesmo tempo)</i> «Estivemos casados três anos, e gritei-lhe tantas vezes que perdi a conta... teria preferido ser melhor marido, mas não podia suportar os seus comportamentos e todos aqueles homens que tinha à roda... Tinha bué ciúmes dela».
«Vejo que a entrevista está a tornar-se um bocadinho pesada... Mudemos, portanto, de assunto Queria saber: o que é que faziam juntos no vosso tempo livre?»	<i>(Agitando-se só um bocadinho no início da resposta)</i> «Tempo livre? E quem é que tinha tempo livre? Isto é, eu tinha, depois do trabalho, claro, mas ela pulava de teatro em teatro, de concerto em concerto, andava de festa privada em festa privada, e cantava	<i>(Dirige-se ao César, olhando para o lado do fundo dele)</i> «Ó César, eu tive mais fortuna então... Ainda não era famosa na época em que namorámos! Tempo tínhamos, sim senhor, ela estava sempre ali na casa dos pais, dávamos voltas com o carro, beijávamo-nos tanto... Na altura do casamento é que se tornou vedeta, e pronto, desapareceu!»

	constantemente... a certa altura do nosso casamento, até deixámos de partilhar o quarto, cantava no sono e eu não dormia nada... Mas, pronto, quando estava, passeávamos, comíamos fora juntos, coisas tranquilinhas de um casal amiguinho e sossegadinho».	
«Bem, senhores, fecharia a entrevista com esta última questão: o que diriam agora diretamente à Amália, e que pensam possa ser necessário que ela saiba?».	<i>(Olhando mais diretamente a câmara e juntando as mãos)</i> «Querida amiga, fique sempre assim como é. Você é um espírito livre, não se deixe atar por nada no mundo como sempre fez».	<i>(Ligeiramente desconsolado)</i> «Sei que cometi erros contigo e te desrespeitei, mas deste-me a possibilidade de conhecer uma alma verdadeira, e por isso agradeço-te infinitamente».

ATORES	2 + voz de entrevistador (Cristiano)	Francisco Cruz – André Baptista César Seabra – André Egas
FUNDO		Por trás de Francisco Cruz: bandeira de Portugal Por trás de César Seabra: bandeira do Brasil Ou Com pano verde: imagem da praia de Copacabana para o senhor Seabra; imagem rural de Portugal para o senhor da Cruz (inserir bandeiras de Brasil e Portugal)
OBJETOS DE CENA		Bandeiras Ou Duas cadeiras ou cadeirões Duas mesinhas (?) Garrafa de vinho e copo cheio ao lado do senhor da Cruz; Martini Cocktail para o senhor Seabra (?) Dois microfones pequeninos (?)
FIGURINOS		Francisco Cruz: camisa branca com suspensórios (ou camisola interior, suspensórios e colar de ouro) César Seabra: fato claro, e chapéu de Panama na cabeça

14. VOZ OFF – DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Parte a música: *Grândola, vila morena*

VOZ OFF Depois da Revolução dos Cravos, foi identificada com o período da Ditadura e praticamente saneada da cena musical portuguesa, continuando, contudo, a atuar nos palcos internacionais.	A música vai diminuindo ficando baixinha enquanto entra a voz off <i>Grândola</i> acaba e começa a <i>Casa portuguesa</i>
---	--

ATOR/ES	1	Sofia
FUNDO		Imagens de Salazar, Marcelo, e da revolução dos cravos (Salgueiro Maia)
MÚSICA		<i>Grândola, vila morena</i>

15. UMA CASA PORTUGUESA

(a filmar com pano verde)

Ao som da canção *Uma casa portuguesa*.

<p>Numa casa portuguesa fica bem Pão e vinho sobre a mesa</p> <p>E se à porta humildemente bate alguém Senta-se à mesa co'a gente Fica bem esta franqueza, fica bem Que o povo nunca desmente A alegria da pobreza Está nesta grande riqueza De dar, e ficar contente</p> <p>Quatro paredes caiadas Um cheirinho à alecrim Um cacho de uvas doiradas Duas rosas num jardim Um são José de azulejo Mais o sol da primavera Uma promessa de beijos Dois braços à minha espera</p> <p>É uma casa portuguesa, com certeza! É, com certeza, uma casa portuguesa!</p> <p>No conforto pobrezinho do meu lar Há fartura de carinho E a cortina da janela é o luar Mais o sol que bate nela... Basta pouco, pouquinho p'ra alegrar Uma existência singela... É só amor, pão e vinho E um caldo verde, verdinho A fumegar na tigela</p> <p>Quatro paredes caiadas Um cheirinho á alecrim Um cacho de uvas doiradas Duas rosas num jardim</p>	<p><i>A rapariga, que se mexe como uma boneca Barbie e que sorri sempre, põe o pão e a garrafa de vinho em cima da mesa olhando para a câmara como num spot publicitário, enquanto o marido sentado à mesa, sorri olhando para câmara)</i></p> <p><i>O outro rapaz bate à porta e a rapariga – sempre com movimentos de boneca e sorrindo – abre-lhe a porta e convida-o a sentar-se à mesa. O rapaz que entra tira o chapéu e o casaco e dá-os a rapariga, que os põe no cabide. O rapaz senta-se à mesa sorrindo e olhando para a câmara.</i></p> <p><i>Os três põem as mãos nas ancas e sorrindo começam a balançar. A rapariga (que tem o alecrim no bolso) sorrindo lança-o para a câmara e para a mesa; o marido mostra a câmara o cacho de uvas sorrindo; o outro rapaz mostra duas rosas (que estavam escondidas atrás das suas costas). A rapariga olha o São José e faz o sinal da cruz e depois olha para o outro rapaz e pisca-lhe o olho (ele entretanto faz o mesmo), enquanto o marido olha para ela de braços abertos.</i></p> <p><i>Depois todos juntos, voltam a olhar para a câmara, põem outra vez as mãos nas ancas e balançando cantam (só movendo a boca).</i></p> <p><i>Enquanto o marido põe o vinho nos copos e o outro corta o pão, a rapariga vai para a janela e abre-a. Depois mexe o caldo verde, leva-o para a mesa e serve-o aos três. Todos continuam a olhar para a câmara, sorrindo.</i></p> <p><i>Repetição dos gestos anteriores. Os três põem as mãos nas ancas e sorrindo começam a balançar. A rapariga (que tem o alecrim no bolso) sorrindo lança-o para a</i></p>
--	---

<p>Um são José de azulejo Mais um sol da primavera... Uma promessa de beijos... Dois braços à minha espera... É uma casa portuguesa, com certeza! É, com certeza, uma casa portuguesa!</p> <p>É uma casa portuguesa, com certeza! É, com certeza, uma casa portuguesa!</p>	<p><i>câmara e para a mesa; o marido mostra a câmara o cacho de uvas sorrindo; o outro rapaz mostra duas rosas. A rapariga olha o São José e faz o sinal da cruz e depois olha para o outro rapaz e pisca o olho, enquanto o marido olha para ela de braços abertos.</i></p> <p><i>Depois todos juntos, voltam a olhar para a câmara, põem outra vez as mãos nas ancas e balançando cantam (só mexendo a boca).</i></p>
--	---

ATORES	3	- uma rapariga (Alessandra Pace), dois rapazes (Alessandro Silvestri, Matteo Migliorelli)
OBJETOS EM CENA	18	<ul style="list-style-type: none"> • Uma mesa • Três cadeiras • Um retrato de Salazar ou uma Nossa Senhora de Fátima • Duas rosas • Pão • Uma faca • Uma garrafa de vinho • Uma panela • Uma colher grande • Caldo verde • Um São José ou um Santo António • Uma toalha de mesa • Três pratos • Três garfos e colheres • Três copos • Alecrim • Uma janela • Um cacho de uvas • Um cabide
FUNDOS	1	- uma cozinha portuguesa tradicional (tudo bem arrumado, a mesa posta, à esquerda uma panela com o caldo verde e uma janela)
FIGURINOS	1	- A rapariga: um vestido à moda dos anos cinquenta em Portugal, cabelos tipo spot publicitário americano, saltos, um avental com bolsos, um xaile, um terço; - Os rapazes (camisola de gola alta branca, casaco de fato de cores diferentes, uma gravata, calças da mesma cor do casaco, sapatos formais, um chapéu, um sobretudo)

16. ENTREVISTA NA SALA DE ESTAR DA AMÁLIA 4
 (a filmar com pano verde)
 Música: La Casa in Via del Campo / Vou dar de beber à dor

<p>E: E os versinhos que escreveu a Salazar? A: Só o vi duas vezes na vida e ele só me ouviu cantar uma vez, na festa de inauguração da Ponte 25 de Abril, na altura Ponte Salazar. Nunca mandei nada ao Salazar, a não ser quando ele estava a morrer: «Ponha-se-me bom depressa / Meu querido presidente / Depressa... Não sei do regulamento / E se isto é má criação / Perdoe o procedimento / E aceite a intenção... que essa cabeça não merece estar doente».</p> <p>E: Há também quem a considere um mito do regime... A: Uma coisa é o mito, outra sou eu, Amália. Nunca fiz nada para ser um mito. Como disse, tudo o que me aconteceu na vida, aconteceu por acaso. Não pedi para nascer e não pedi para ser quem sou. Eu sou eu, o resto são cantigas.</p> <p>E: Por falar em cantigas, já viu as imitações da italiana Loretta Goggi? A: <i>Ma certo!</i> Adoro-as! A seguir ao Brasil, a Itália foi o país onde mais sucesso tive. É <i>una terra che amo</i>. Corri a Itália toda, cantei várias canções italianas, muitos fados meu tiveram uma versão em italiano.</p> <p>E: Quando pensa parar de cantar? A: Quando as pessoas me mandarem embora, eu vou. Enquanto não me mandarem embora, não vou, e, enquanto Deus não me levar, também não vou.</p> <p>E: Para terminar, o que é para si o fado? A: Para mim, o fado nasceu naquilo que o José Régio escreveu, no «Fado Português». Acredito nisso como se fosse a verdade completa: «O fado nasceu um dia quando o vento mal bulia, e o céu o mar prolongava, na amurada dum veleiro, no peito dum marinheiro, que estando triste cantava». É preciso cantar o fado, é preciso tê-lo cá dentro. Por alguma razão, há pessoas que falam português por minha causa.</p>	<p>- Esta entrevista final tem vários temas: 1) s implicações políticas de Amália 2) a Itália; 3) e sobre o que é Fado para ela</p> <p>- As perguntas do entrevistador são inventadas</p> <p>- As respostas da Amália são tiradas de entrevistas verdadeiras:</p> <p>- A boneca está em cena: “Amália” mexe nela enquanto fala</p> <p>- Depois de ela ter falado na Loretta Goggi, parte o vídeo da imitação da Loretta Goggi</p>
--	---

ATOR/ES	2	Cristiano – Entrevistador Benedetta - Amália
---------	---	---

FUNDO	1	Sala de estar de Amália: fotografar a Casa Museu de Amália
OBJETOS DE CENA		2 cadeiras boneca
FIGURINOS		Entrevistador: fato, camisola de gola alta, óculos com grande armação Amália: roupa anos Cinquenta + xaile preto
INSERÇÃO VÍDEO		Loretta Goggi

17. CENA FINAL

Deixa-se ouvir toda (?) a canção *Estranha forma de vida*: enquanto a música corre, vê-se Amália que canta esta canção em várias épocas

Acabada a canção, insere-se o frame do filme *Fado, história duma cantadeira* que diz: «eh, pá! isto é que é cantar o fado!»

FIM

18. GENÉRICOS

Enquanto escorrem os genéricos finais, todos os participantes entram: o primeiro a entrar acena uma canção de Amália (cantarolando, recitando ou assobiando), põe os auscultadores e parte a canção de Amália; o primeiro encontra o segundo e acontece o mesmo com outra canção etc.